

Angelo D'Orsi, *Il Futurismo tra cultura e politica. Reazione o rivoluzione? Con antologia di testi*, Roma, Salerno, 2009, pp. 337

A todos aconselho – aos jovens em particular – a leitura do livro de Angelo D'Orsi sobre o Futurismo, porque diz qual é o estado de coisas (ou melhor, qual era), quanto à vanguarda italiana de início de século e à sua precisa contextura política.

Depois de uma introdução em que a hermenêutica gramsciana é oportunamente colocada no centro do discurso, o livro articula-se numa primeira série de capítulos dedicada aos elos que ligaram o Futurismo, no plano histórico, quer ao nacionalismo, quer ao *arditismo*, quer ao fascismo, e noutra série de capítulos que delineia o percurso do meteórico Partido Futurista Italiano e aprofunda o belicismo futurista, face às diversas situações que se perfilam entre a Guerra da Líbia, a Grande Guerra, o 1919, etc., procurando também compreender as franjas ultra-minoritárias de um Futurismo de esquerda e descrever o crepúsculo do Futurismo, com o regime de Mussolini, ou melhor, o seu

*triumfo* ambigualmente institucional. Segue-se uma cronologia pormenorizada e uma antologia de textos verdadeiramente significativa, sobretudo para quem não é especialista.

Na verdade, o maior mérito do volume é a clareza que caracteriza não só a forma de exposição adoptada, como também as posições tomadas. D'Orsi, que assim segue, nobremente, os rastos de Bobbio, considera funcional a distinção entre direita e esquerda para compreender a história e a política, sem hesitações ao situar o Futurismo, com abundância de documentação, no campo da cultura direitista. Neste ponto, a clareza é essencial: as operações de uma certa esquerda, empenhada em interpretar o Futurismo, pelo menos na sua forma originária, como um movimento artístico revolucionário, não necessariamente vinculado ao pensamento-acção de direita que estruturou o século XX europeu (ou a sua primeira metade), são tentativas falhadas. O Futurismo é a vanguarda da filosofia/prática da violência, da guerra, do assalto, da virilidade, da penetração e do arrombamento, do não-igualitarismo, da modernidade como

massacre, da estetização da força como esplendor primitivo dos machos *aristoi* e, portanto, paradigma de governo das massas. D'Orsi faz bem, ao citar com frequência Mario Morasso e o seu nietzschianismo, que pode não ser bonito, mas é facilmente assimilável. E também faz bem, ao evidenciar o papel central que cabe à exaltação da guerra nas vicissitudes do Futurismo e de Marinetti, desde o Manifesto de Fundação, de 1909, até ao fúnebre, que dá pena, *Quarto d'ora di poesia della X Mas* de 1944. O *flirt* com o massacre, que *identifica* a modernidade, é luxúria futurista até às entranhas. O êxtase repulso da chacina e do sangue que conota a cultura do grupo reunido em torno da revista *Lacerba*, de Florença, e as posições de Marinetti, são unha com carne.

Em suma, a Itália foi a vanguarda do fascismo, ou antes, dos fascismos europeus, e foi a vanguarda da vanguarda, tendo-a inventado com o Futurismo e tendo-a definido, enquanto tal,

como *destrudo* estética e sócio-anropológica. Esta é cultura de direita do século XX. Só que, se Benn, Céline, Pound ou Cioran, pese embora a diversidade dos seus percursos ideológicos e biográficos, foram grandes escritores, Marinetti e quantos o rodearam foram medíocres, sem sombra de dúvida, pelo que diz respeito aos resultados da sua obra artística. D'Orsi, no campo estético, não assume frontalmente um juízo de valor, e, portanto, é a mim que cabem estas afirmações finais, em tom conclusivo.

Quero dizer que, quanto ao Futurismo, também em momento de aniversário e celebrações é necessário conservar clareza de vistas e disponibilidade de espírito para avaliar criticamente. Se a Itália teve, historicamente (e talvez ainda o tenha) o genial privilégio de propor a vanguarda política do pior, não é caso para dourar a pílula. E reconheçamos serenamente que é sempre possível melhorar. ROBERTO GIGLIUCCI. Trad. de RITA MARNOTO